

# Mulher e Constituinte

→ - 8 JUL 1987

→ JORNAL DE BRASÍLIA ANC P<sub>2</sub>

A questão da posição das mulheres na sociedade é mais que atual. Elas se mobilizam e exigem da Constituinte que os direitos sejam iguais apesar do respeito que devem haver quanto às diferenças. Muito se tem dito sobre o papel das mulheres na sociedade mas até agora, em nenhum país do mundo, a questão encontrou uma resposta adequada e condizente com o papel que o chamado "sexo fraco" exerce na sociedade.

Quando se realiza em Brasília uma conferência sobre as atividades da mulher junto à Constituinte, quando, quase simultaneamente Brasília se apresta a ter sua primeira delegada de Polícia, é importante que todos tenham o espírito aberto para enfrentar uma questão que talvez seja uma das mais importantes vividas pela sociedade moderna. Qual é realmente a posição da mulher em nosso mundo?

Querer, como certos analistas, sejam homens ou mulheres, negar a diferença, negar a especificidade de funções na vida da sociedade, não é sensato. A biologia, ela mesma, se encarrega de anular tais posições. Não é esta a questão. A verdade é que a modernidade tirou a mulher de suas funções tradicionais e as colocou na

vida prática, no sistema de produção ao lado de seus maridos, de seus irmãos, de seus companheiros.

Hoje, no Brasil moderno, assim como em sociedades mais evoluídas, as mulheres labutam ombro a ombro com os homens. Elas têm entretanto seu papel específico não diminuído. Houve uma verdadeira revolução na vida da sociedade. Ela repercutiu, seria fingimento negar, em todos os níveis. A própria organização da família, na distribuição das atribuições de cada um de seus membros, já não é a mesma. Este é um fato inegável e tem de ser reconhecido e traduzido nas leis maiores da sociedade. É aí que se manifesta uma resistência incrível.

A verdade é que, em geral, as mulheres conquistam espaço no processo de produção com grande sacrifício. Não somente são, na maioria das vezes, obrigadas a acumular suas tarefas tradicionais no interior do lar com as novas assumidas em empregos públicos ou privados, como também são subfavorecidas. Aqui, na Europa, nos Estados Unidos e na União Soviética as pesquisas

demonstram que para funções iguais, as mulheres recebem menos e têm menos perspectivas de crescer nas suas profissões. Esta é apenas uma parte da realidade. Existe outra também evidente e ainda mais chocante. As mulheres, companheiras do homem em todos os momentos de suas atividades, continuam sendo vítimas de violências e injustiças. As estatísticas policiais são parcas de informações neste domínio. Padrões culturais herdados do passado levam frequentemente as vítimas de agressões, a maior parte das vezes sexuais, a se omitir e a silenciar sobre a violência sofrida.

Mulher violada, violentada, é, em geral, motivo de chacota e de processos difamatórios. Numa delegacia comum, uma vítima de violência sexual é tratada de tal forma que prefere silenciar-se e não prosseguir num processo em que até mesmo nossas leis retrógradadas lhes dão direito. Anuncia-se que será criada, finalmente, em Brasília, uma delegacia feminina. Este é um passo adiante. É importante, entretanto que se lembre que o problema básico da posição da mulher na nossa sociedade está longe de ser resolvido.